

SACCONI, Luiz Antonio. Campineiro ... campinense?. Correio Popular, Campinas, 12 abr. 1981.

Campineiro... ou Campinense?

A questão provoca polêmica ainda no âmbito linguístico. Não poderia imaginar, porém, que na cidade houvesse defensores ferrenhos desta ou daquela forma, a ponto de dividirem-se em **campineiros** e **campinenses**.

Tratarei da questão sem nenhuns laivos de parcialidade, sem paixão por esta ou aquela forma; ambas são boas, mas há que esclarecer pormenores vitais ao caso. Feito isso, os que ainda estiverem em dúvida talvez encontrem a sua forma preferida.

— Professor, o senhor vai mexer num vespeiro! — advertiu-me outro dia, entre sério e sorridente, um amigo da redação deste mesmo jornal.

Mexendo ou não em vespeiro, certo estou de que discorrerei à luz dos fatos lingüísticos.

Terreno escorregadio, perigoso, movediço, entremos nele paulatinamente: em nossa língua existem inúmeros sufixos que denotam nacionalidade ou origem. Os mais comuns entre nós são **_ense** (recifense, bauruense, etc.) e **_ano** (piracicabano, curitibano, etc.). Ambos possuem variantes: **_ês** (português, francês, etc.), **_ão** (coimbrão, parmesão, etc.).

O sufixo **_eiro**, por sua vez, no português arcaico e mesmo no moderno, era denotador de vários significados, menos o de nacionalidade ou origem, significado que o português contemporâneo aceitou apenas por extensão.

O brasileiro **_** é fato sabido **_** deveria, em rigor, ser chamado **brasileense** ou **brasilês**. Mas nem sempre a ciência lingüística prevalece sobre a vontade popular, muitas vezes soberana. **Brasileiro** era, originariamente, aquele que comerciava com a nossa primeira grande riqueza: o pau-brasil; **mineiro** era aquele que trabalhava nas minas; **campineiro** designava aquele que vivia nas campinas. Quando os nomes **Brasil**, **Minas** e **Campinas** se fixaram como topônimos, os adjetivos que lhes correspondiam os acompanharam, fixando-se, assim, como pátrios. A fixação ocorreu, assim, por extensão. Temos ainda um adjetivo pátrio com o sufixo **_eiro**: **poveiro**, que designa aquele que nasce na cidade portuguesa de Póvoa de Varzim, terra natal do extraordinário Eça de Queirós. Parece-me ser o único adjetivo pátrio em nossa língua que traz o sufixo **_eiro** realmente denotador de origem.

Voltemos, porém, ao que mais lhes interessa. Argumentam alguns bons filhos desta adorável terra que **campinense** é aquele que nasce em Campina Grande, na Paraíba. Tal qualificação, por conseguinte, não poderia caber a outro habitante. Aqui é que se encontra o primeiro equívoco. Num país ou num Estado pode haver inúmeras cidades com o nome **Campina** ou **Campinas** (Campina Paulista, Campina Gaúcha, Campina Balana, Campina Grande, Campina Pequena, Campina do Norte, Campina do Sul, Campina Bela, Campina do Alto, etc) e a todas pode corresponder um único adjetivo: **campinense**. Pensam alguns que, em sendo composto o nome de uma cidade, o adjetivo pátrio deve ser, igualmente, composto. Está aqui o segundo equívoco: aquele que nasce em Campina Grande é, em verdade, e sem erro algum, **campinense**, e não obrigatoriamente, **campina-grandense**. Não muito longe daqui há uma cidade chamada Laranjal Paulista. Os que de lá são naturais chamam-se **laranjaleses** e não **laranjal-paulistenses**. Poderão perguntar, ainda, alguns: mas se tivermos apenas um nome referente a todas as cidades citadas, não estaria estabelecida a balbúrdia?; se **campinense** pode referir-se a Campinas, Campina Grande, Campina Paulista, etc., como fazer a distinção entre um habitante e outro, quando necessário? Fá-la-emos assim: o **campinense** de Campinas, o **campinense** de Campina Grande, etc. E não estaríamos, agindo dessa forma, criando na língua um artifício inédito, desnecessário ou irregular, porquanto já isso ocorre com os substantivos sobrecomuns: o **cônjuge** do sexo masculino, o **cônjuge** do sexo feminino; a **criança** do sexo masculino, a **criança** do sexo feminino, etc.

Estamos longe de afirmar, contudo, que a forma **campineiro** não é boa. Consagrado está seu uso, assim como consagradas estão as formas **brasileiro** e **mineiro**. Mas daí a dizer-se que a forma **campinense** é errônea, por qualquer motivo, vão muitos passos. Deve-se dizer, sim, que tal forma é que é a legítima, a pura, mas a outra, **campineiro** é que, por razões até históricas, foi a consagrada pelo uso e pelo povo.

Assim, muito felizes foram os fundadores da notável Academia Campinense de Letras. Nada mais português.

No próximo domingo vamos falar dos **palmeirenses**... ou dos **palmeiristas**